

## **Voluntariado Missionário: Ponte entre o global e o local** ***Missionary volunteering: Bridge between the global and the local***

Ana Patrícia Fonseca\*

**Resumo** Todos os anos, centenas de jovens e adultos saem de Portugal para realizar projectos de voluntariado missionário em países e desenvolvimento. No trabalho desenvolvido, estabelecem-se laços de profunda fraternidade e partilha com as comunidades locais. Quando os voluntários regressam, desperta o desejo de, em Portugal, continuar a estabelecer pontes com as populações com que trabalharam. Dessa forma, muitos voluntários continuam a apoiar, à distância, os projectos sociais dos países onde cumpriram a sua missão. Habitualmente, passam ainda a assumir uma forte ligação às comunidades imigrantes a viver em Portugal, oriundas dos países onde viveram, pois há uma cumplicidade e uma forte identificação com a cultura do país que os acolheu. O voluntariado missionário intensifica, assim, dinamismos de solidariedade internacional, onde o global e o local se cruzam.

**Palavras-chave** Voluntariado missionário, comunidades imigrantes, interdependências, fraternidade

**Abstract** Every year, hundreds of young adults leave Portugal to perform missionary volunteering projects in developing countries. At their work, deep bonds of brotherhood and sharing are established with the local communities. When the volunteers return back, it awakens on them the desire to continue building bridges from Portugal, with the people they worked with. Thus, many volunteers continue to support, at distance, the social projects of the countries where they were on mission. Usually, they also build a strong connection to the immigrant communities living in Portugal, coming from the countries where they lived, because there is complicity and a strong identification with the culture of their host country.

**Keywords** Missionary volunteering, immigrant communities, interdependences, brotherhood

\* Coordenadora do Departamento de Educação para o Desenvolvimento e Advocacia Social da Fundação Fé e Cooperação e da Rede de Voluntariado Missionário/  
/Coordinator of FEC's Department of Education for Development and Social Advocacy  
(anapatrícia.fonseca@fecong.org)

## ■ Voluntariado Missionário: Ponte entre o global e o local

Ana Patrícia Fonseca

O voluntariado assume múltiplas formas e cumpre-se em áreas muito variadas, desde a saúde, cultura, alfabetização, ambiente, cooperação para o desenvolvimento, acção social, entre tantas outras. O voluntariado missionário é uma das variadas expressões deste modo activo de ser cidadão e é uma prática que se generalizou em Portugal nos últimos anos. Aproximando-se do voluntariado internacional para a cooperação, o voluntariado missionário tem uma matriz cristã-católica, que inspira a sua acção. O voluntário missionário, impulsionado pela sua profunda convicção de que a ajuda solidária é universal e, por isso, para todos, parte para países em desenvolvimento, onde colabora com as comunidades locais na melhoria das suas condições de vida, traduzindo com a sua vida os valores em que acredita.

Em Portugal, o voluntariado missionário nasceu de forma espontânea em 1988, quando nove jovens, ligados a dois movimentos católicos – Leigos para o Desenvolvimento e Jovens Sem Fronteiras – decidiram partir por um período de dois anos para São Tomé e Príncipe e para a Guiné-Bissau, fazendo da sua vida solidariedade e partilha. Desde essa data, contagiados pela alegria da dádiva gratuita, mais de 4.000 jovens e adultos já partiram para países em desenvolvimento, sobretudo para países lusófonos, com a missão de aí serem impulso de mudança.

A acção do voluntariado missionário tem como principal objectivo potenciar as competências e aptidões de cada pessoa das comunidades onde actua, em todas as suas dimensões, de forma a promover o autêntico desenvolvimento integral de todos os homens e do homem todo (Paulo VI, *Populorum Progressio*, n.º 14). O que realmente nos importa é que cada homem e cada mulher possam viver com dignidade e justiça.

Frequentemente, somos confrontados com esta legítima interpelação: “porquê partir para tão longe, quando aqui tão perto há tanto para fazer?” De facto, é indiscutível que o índice de pobreza que Portugal atingiu e que a precariedade vivida por milhares de famílias no nosso país, é intolerável. Não podemos aceitar esta situação passando ao largo e todos somos chamados a alterar o rumo da história que o nosso país está a seguir. No entanto, é igualmente inaceitável que, espalhadas pelo mundo, milhões e milhões de pessoas vivam abaixo do limiar da pobreza, com menos de 1 dólar por dia, em condições infra humanas. Apesar de legítima, esta interpelação encerra em si um olhar ego centrado, voltado para dentro e fechado à universalidade da ajuda. Num mundo interdependente, onde as acções que realizamos num determinado ponto do Planeta têm repercussões à escala global, esta tipologia específica de voluntariado procura criar relações de proximidade entre distantes e estimula os voluntários a olhar o mundo para além do que os seus olhos conseguem alcançar.

*“Partir é ter a capacidade de sair de nós mesmos e ir ao encontro do outro; partir, ajuda a situar-me na vida e no mundo, como parte integrante, longe do centro, no meu lugar”* (Sofia Silva, Leigos da Boa Nova).

É precisamente este o exigente desafio do voluntariado missionário: saltar a barreira do conforto em que enclausuramos as nossas vidas, abandonar o nosso centro e abrimo-nos ao mundo, numa permanente relação de encontro fraterno. A principal preocupação dos voluntários que partem em missões internacionais, de inspiração cristã, é agir pelo bem comum, numa renúncia constante ao supérfluo e com o olhar focado no essencial: a promoção da dignidade da pessoa humana. Inquietos com a situação da Humanidade, os voluntários não se acomodam nas conversas de café, suscitadas por notícias televisivas ou cibernéticas, mas têm um ímpeto de cuidado atento e generoso que, animado pela generosidade de quem ama e de quem se sente responsável, os faz actuar pela construção de um mundo que seja casa para todos.

O ciclo da vida em missão não termina com a viagem de regresso, mas antes, atinge o seu pleno sentido no retorno a Portugal. Depois de um período, mais ou menos longo, vivido num país em desenvolvimento, o voluntário missionário tem, necessariamente, uma visão global do mundo e das suas interdependências. No regresso à sua comunidade de origem, os voluntários, na grande maioria das vezes, tornam o seu compromisso mais sólido. E, sem partir geograficamente, saiem de si a cada instante, para serem plenamente força de mudança no lugar onde se encontram. E aqui assumem, normalmente, uma forte ligação às comunidades imigrantes a viver em Portugal, oriundas dos países onde trabalharam.

*“Surge um laço (e)terno de cumplicidade e amor fraterno, capaz de unir Portugal a África, quebrando a linha do horizonte e deixando de lado todo o egoísmo e materialismo que constroem a mais longa distância”* (Filipa Torres, Voluntariado Missionário Cluny).

A relação de afecto com os países e as suas gentes, criada durante o tempo de missão, é de tal forma intensa, que os voluntários sentem uma profunda necessidade de dar continuidade à sua acção, agora noutra espaço e noutra tempo.

*“A missão em Angola foi, acima de tudo, um encontro. Encontro com a sabedoria muito prezada dos mais velhos; encontro com outras formas de estar e sentir a vida; encontro com pessoas e momentos que para sempre nos ficarão gravados na memória, mas, acima de tudo, encontro connosco próprios; com fraquezas e forças que desconhecíamos e com um caminho que não termina naquele espaço geográfico, mas que continuará durante toda a vida e em todas as paragens”* (Sandra Fernandes, Leigos para o Desenvolvimento).

Por outro lado, as experiências de voluntariado deixam de tal forma marcas na vida de quem as pratica que muitos voluntários regressam ao país onde desenvolveram a sua acção com a missão de realizar novos projectos de voluntariado ou de aí trabalhar numa empresa ou ONGD, dando assim continuidade à missão que se sentem chamados a cumprir.

No horizonte do voluntariado missionário, permanece a convicção de que vivemos num mundo global, onde todos somos responsáveis por todos (conforme o apelo de João Paulo II, no n.º 8 da encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*), independentemente do lugar que habitamos. O voluntariado missionário intensifica, assim, dinanismos de solidariedade, onde o global e o local se cruzam.

Durante o ano de 2011 serão 1.133 os jovens e adultos, membros de 47 organizações de inspiração cristã, de cariz missionário, que realizarão projectos no âmbito do voluntariado missionário em países em desenvolvimento e em Portugal. Portugal contará com 846 voluntários missionários. África, América do Sul e Ásia receberão 287 voluntários portugueses. A Educação/Formação, Pastoral, Saúde, Animação Sócio-Cultural, Construção de Infra-estruturas e Agricultura são as principais áreas de intervenção das organizações que actuam nos países em desenvolvimento. Os principais destinatários das acções de Voluntariado para a Cooperação são os jovens, seguindo-se as crianças, as mulheres e os professores, bem como agregados familiares, idosos e os técnicos de associações locais. Em Portugal, grande parte do trabalho é realizado na área da Pastoral (27%), da Educação (25%) e da Animação Sócio-Cultural (24%). A Saúde, o Ambiente e o Apoio Social ocupam os restantes lugares (24%). No nosso país, os voluntários dedicam o seu tempo, conhecimento e cuidado às crianças (24%), idosos (24%) e jovens (21%). Mas também às famílias (13%), mulheres (8%), professores (5%), técnicos de associações (4%) e outros (3%).<sup>1</sup>

A Fundação Fé e Cooperação (FEC) coordena, desde 2002, a Rede de Voluntariado Missionário, que congrega 57 organizações que, em Portugal, enviam voluntários em missão para países em desenvolvimento. Da Rede fazem parte entidades portuguesas ligadas a grupos universitários, congregações religiosas, ONGD, paróquias e dioceses e têm em comum a identidade cristã, o trabalho na área da cooperação para o desenvolvimento e a integração de voluntários missionários nas suas acções. A Rede tem como principais objectivos estabelecer pontes e promover a acção de todas as organizações membro. Entre as principais actividades, destacam-se: i) a partilha e intercâmbio de experiências; ii) a formação conjunta; iii) a divulgação do trabalho realizado; iv) e a promoção de interesses comuns.

Desde 2003, têm partido, em média, por ano 300 voluntários. Desde 1988, já partiram 4.094 voluntários missionários em missões humanitárias.

## Notas

<sup>1</sup> Dados do inquérito realizado pela FEC às organizações de voluntariado missionário, entre Maio e Junho de 2011.

## Imigrante e voluntário: Uma questão de atitude *Immigrant and volunteer: A question of attitude*

Cármen Queiroz\* e Timóteo Macedo\*\*

**Resumo** Ao abordar o Voluntariado, tal como ele é praticado na Associação Solidariedade Imigrante, o texto distingue também entre os que precisam dele e os que dele se servem. A usurpação do voluntariado, muito visível na comunicação social, não é, nos tempos que correm, um voluntariado comprometido com as causas e os ideais dos excluídos, dos sem nada. O voluntariado torna-se também institucional, serve os interesses do poder instituído e os seus objectivos; amortece as desigualdades e revoltas, e é usado como alimento e falsa caridade, em vez de ser uma arma da solidariedade e da justiça social no combate pela emancipação dos mais vulneráveis e pobres.

**Palavras-chave** Instituições, padrões, interculturalidade, imigrantes, voluntários, solidariedade

**Abstract** Addressing Volunteering, as it is practiced in the Associação Solidariedade Imigrante, the text also distinguishes between those who need it and those who serve it. The usurpation of volunteering, very visible in the media these days, is not a volunteering committed to the causes and ideals of the excluded. Volunteering also becomes institutional, serving the interests of state agents and their objectives; cushioning inequalities and riots, and being used as false charity, rather than a weapon of solidarity and social justice in the struggle for the most vulnerable and poor emancipation.

**Keywords** Institutions, employers, interculturality, immigrants, volunteers, solidarity

\* Psicóloga, activista e voluntária na Associação Solidariedade Imigrante / Psychologist, activist and volunteer at the Associação Solidariedade Imigrante. (solidariedade\_imigrante@hotmail.com)

\*\* Presidente da Associação Solidariedade Imigrante (ASI) / ASI's President (solidariedade\_imigrante@hotmail.com)